

RACIONAIS MC'S: Letramentos de Reexistência

Roberta Teixeira Nascimento

Mestranda de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista FAPESB
robertateixeiranascimento@gmail.com

Alexandre de Oliveira Fernandes

Professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
alexfernandes@ifba.edu.br

Simpósio Temático nº 20 – Estudos Contracanônicos em Literaturas e Culturas

Resumo

No presente trabalho nos propomos a pensar o grupo de rap Racionais MC's dentro da perspectiva dos letramentos de reexistência. Apresentamos a trajetória do grupo, o rap, gênero musical cantado por eles, entrelaçado ao letramento, com o intuito de evidenciar contribuições desse grupo para uma educação engajada com demandas sociais, com a luta antirracista e as denúncias de um sistema capitalista violento. Na contramão do cerceamento de subjetividades e corporalidades dissidentes, as narrativas negras dos Racionais rasuram a perseguição do Estado contra o povo negro e pobre do Brasil e evidenciam o processo de resistência promovido por movimentos sociais. Além da necessidade de organização para lutar contra o racismo estrutural em curso, sugerem um educar *rapoético*, o que não se confunde com um sistema lógico e disciplinar ou com paradigmas novos e utilitários para a Educação, mas com uma dialética, passando ao largo do autoritarismo, das armadilhas do capitalismo e das ficções da democracia burguesa.

Palavras-chave: Racionais MC's. Rap. Letramento de reexistência.

Abstrat

In this paper, we propose to think the rap group Racionais MC's within the perspective of the literacies of reexistence. We present the trajectory of the group, rap, the musical genre they sing, intertwined with literacy, in order to highlight the contributions of this group to an education engaged with social demands, with the anti-racist struggle and the denunciations of a violent capitalist system. In opposition to the curtailment of dissident subjectivities and corporalities, the black narratives of Racionais erase the persecution of the State against the black and poor people of Brazil and highlight the process of resistance promoted by social movements. Besides the need for organisation to fight against the ongoing structural racism, they suggest a rapoetic education, which is not to be confused with a logical and disciplinary system or with new and utilitarian paradigms

for Education, but with a dialectic, bypassing authoritarianism, the traps of capitalism and the fictions of bourgeois democracy.

Keywords: Racionais MC's. Rap. Literacies of reexistence.

Narrativas negras: Letramentos de Reexistência

O ponto central desse trabalho é apresentar e compreender o rap como instrumento educacional da periferia, e, principalmente, do povo negro. Assim, apresentaremos a trajetória do grupo Racionais MC's, o gênero musical cantado por eles, o rap, entrelaçado ao letramento, com o intuito de evidenciar contribuições para uma educação engajada com demandas sociais, com a luta antirracista e as denúncias de um sistema capitalista violento.

Ao demonstrar contribuições possíveis para um ensino contra colonial, na contramão do cerceamento de subjetividades e corporalidades dissidentes, as narrativas negras dos Racionais podem rasurar a perseguição do Estado contra o povo negro e pobre do Brasil, expor o processo de resistência promovido por movimentos sociais do Brasil e a necessidade de organização para lutar contra o racismo estrutural em curso.

Imprescindível abordar o caráter social presente na cultura hip hop, que além da sua forma musical alia diferentes danças, como é o exemplo do *breakdance*. Outra expressão artística do hip hop é o grafite, inserida no campo das artes visuais. Reparemos que, o movimento hip hop, através do rap e de suas outras vertentes, faz educação no Brasil há mais de 30 anos, e é preciso compreendê-lo não só como resultante de agência social, mas como demanda de educadoras/res, com quem a escola deve manter uma relação dialógica e não excludente/hierarquizada. Essas expressões presentes quase sempre em espaços públicos urbanos, podem ser parte de letramentos de resistência e reexistência, haja vista que são uma prática de leitura/escritura a partir de uma vivência em comunidade; um modo de responder ao contexto social e a estruturas racistas; problematizam o valor simbólico da branquitude e as desigualdades presentes nos grupos subalternizados; reconhecem que identidades raciais são aprendidas, resultantes de práticas sociais ativadas cotidianamente; enunciam uma gramática racial e um vocabulário sobre raça, antirracismo, desigualdade, política; rasuram práticas de racialização; convocam à ação e à ruptura com o sistema dominante que privilegia desigualdades de classe e hierarquizações.

O rap é de ascendência negra, gestado pelo movimento negro e pelos movimentos sociais, é extremamente político e de enorme relevância, levando-se em conta um Brasil colonizado e desigual. O rap contribui com a linguagem e a criticidade individuais, pode fortalecer sujeitos em contextos sociais diversos, seja em casa, na rua, no trabalho e em outros meios sociais em que estejam inseridos. Outro argumento é que o rap tem abrangência ampla e a escola nem sempre consegue chegar em larga escala a grupos historicamente subjugados, daí a necessidade de aprender com e valorizar suas contribuições, traçando estratégias para usos contra-hegemônicos dessa literatura dentro das salas de aula.

A escrita dos Racionais MC's, enquanto prática de uso da linguagem, por um lado, permite a leitura de toda uma complexidade social e histórica, com potencial para desestabilizar discursos arraigados e práticas socialmente validadas pela educação formal, por outro lado, possibilita que a/o compositor/a de rap e ou a pessoa que entra em contato com a arte em tela, letrando-se, estude para compor ou para compreender as letras das músicas. Práticas de letramentos plurais podem beber fartamente dessa fonte, sempre que – mas não exclusivamente – a/o rapper cumpre um papel de um/a ativista política/o, de um/a professora/o que faz do espaço da “rua” um ambiente educacional não convencional.

Sabemos que a educação brasileira foi e ainda é elitizada e que não era, até pouco tempo, um direito para todas/os. Vivemos um tempo paradoxal no qual ainda há quem questione a validade das cotas raciais, por exemplo, e advogue ficções racistas como a meritocracia. Logo, reafirmar a importância do rap atrelado ao letramento de reexistência pode encorpar lutas e abordagens decoloniais, contra coloniais e dissidentes, na contramão de uma educação cuja qualidade questionável, para dizer o mínimo, senão fascista e de agenda tanato e necropolítica, assenta-se em práticas coloniais, discriminatórias e hierarquizadas, essas com vistas a favorecer grupos historicamente privilegiados e inviabilizar a esperança de um educar *rapoético*.

Os 4 pretos mais perigosos do Brasil

Assim se autointitulam Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay, membros do grupo de rap brasileiro Racionais MC's, grupo paulistano fundado no final da década de 1980: “os 4 Pretos mais Perigosos do Brasil”. Tidos como protagonistas no cenário do rap brasileiro, Edi Rock e KL Jay são da Zona Norte e Mano Brown e Ice Blue da Zona Sul da cidade de São Paulo. O encontro

deles se deu no centro da cidade, lugar propício para a juventude negra do hip hop, que naquele momento se deslocava de todas as partes da capital para se reunir e compartilhar essa cultura, partilhar informação e formação sobre uma consciência social e coletiva.

A expansão do rap no Brasil ocorreu em um momento emblemático, em que surgiam novos grupos sociais e emergiam representações sociais voltadas para a juventude negra e pobre, críticas contra o racismo, denúncias e ações em favor da população negra. Trata-se de um momento de ascensão de novas formas de resistência, resposta à violência e à visão estigmatizada acerca dos jovens negros e de periferia, inseridas na ampla cultura hip hop, a saber,

[...] um movimento social juvenil urbano enraizado ao segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem, que historicamente ganha força nos Estados Unidos a partir do final dos anos de 1970 e posteriormente se espalha pelas grandes metrópoles do mundo (SOUZA, 2009, p.21).

Como o contexto social e político em São Paulo e o do surgimento dos Racionais MC's, era de muita violência e descrença por parte das pessoas de periferia que denunciavam a miséria e o racismo, na cidade de São Paulo, desde seu início, aparece o rap com características politizadas, narrando a história das periferias, de dentro para fora. Um verdadeiro espaço de enunciação dessa juventude por ela mesma, se tornando lócus de formação de conhecimento. Os Racionais MC's, com o decorrer dos anos, se tornam reconhecidos e crescem a cada produção; a partir de certo momento de sua carreira, deixam de lado as gravadoras que muitas vezes quiseram intervir no seu trabalho e lançam suas músicas por gravadora própria, a Cosa Nostra. Além do seu trabalho enquanto grupo musical, os integrantes dos Racionais mantêm projetos solo e também em outras áreas, dentro do meio artístico e social, mas não necessariamente ligados a música.

O grupo faz parte de um movimento dentro do rap, conhecido como rap consciente e de protesto. Em suas letras, os raps são relatos que transformam adversidades vividas na periferia em poesia. São arte que denunciam e questionam desigualdades. Tratam de desejos, subjetividades, individualidades, sofrimentos e prazeres. O rap faz parte da cultura hip hop, é poesia que salta da oralidade para o papel e vice versa, borrando fronteiras, ecoando em seu corpo-texto subjetividades ancestrais e de resistência.

Certo prazer barthesiano do texto toma forma nas letras do rap – momento em que o corpo passa a seguir suas próprias ideias, demonstrando que o corpo não tem, necessariamente, as mesmas

ideias que seu provável dono, qual seja, a Razão, um “eu” auto-idêntico, próprio e dono de si, uma essência, uma verdade, uma ontologia –, logo, para além de leituras sistêmicas (gramatical, semântica ou narratológica), as letras dos raps dos Racionais exigem atenção a explosões de linguagem, efeitos não previsíveis e erotanáticos, dialéticos e dialógicos: as ideias do meu corpo não são as mesmas que as minhas (BARTHES, 2015).

O rap foi e ainda é fonte de entretenimento para a periferia, há diversos estilos dentro do gênero musical, mas para além do seu papel cultural, ressaltamos o papel social e político que desempenha, pois, rasura a desvalorização do povo e da cultura negra, (re)construindo memórias do povo negro e para o povo negro. A/O rapper desempenha o papel de um eu coletivo ao expressar a voz da periferia, erige memória coletiva e um imaginário popular.

Composto não só de rimas, mas de muita pesquisa e um estudo sobre a temática cantada, o rap é um trabalho em conjunto da/do DJ – disco-jóquei – e da/do MC – Mestra/e de Cerimônias –, e mesmo em batalhas de rima e improviso é possível perceber a quantidade de estudo por detrás das palavras que são proferidas. Seus vocabulários são extensos e as rimas são carregadas de referências, estatísticas, notícias e narrativas históricas coletivas, fazendo mixar nomes de ativistas e líderes dos movimentos negros e dos direitos civis, como Malcolm X, Marighella, Mandela.

A obra do grupo de rap Racionais MC’s é extensa e aborda diversas temáticas que consideramos importantes para o diálogo escolar e não escolar. Quando assumimos a postura e o dever de educar e buscamos outros métodos e abordagens, abrimo-nos a diversas possibilidades. Aqui, propomos, a partir do rap, almejar uma educação francamente libertadora e engajada com demandas sociais, uma *rapeducação*, uma educação *rapoética*, que fortaleça desconstruções de subjetividades coloniais e que permita que a voz negra e ativa seja escutada, reproduzida e reafirmada.

Logo, traremos trechos de músicas presentes na discografia do grupo para refletir sobre temáticas atuais, mas que vem sendo debatidas pelo rap há algumas décadas e que podem contribuir com a educação escolar, produzindo conhecimento questionador de nossas heranças coloniais. Os textos aqui dispostos são, por um lado, *corpus* barthesianos, logo, nos interessa ler mais do que letras, transformando grafemas em fonemas, mais do que gramática e semioses nos interessam, estruturas e escolhas de palavras ainda que não inócuas, importam menos do que ler no *corpus* o corpo dos Racionais MC’s, as figuras da enunciação, numa relação amorosa e erótica com esse *corpus/corpo/texto* (BARTHES, 2003, p. 179); por outro lado, esses textos são práticas de letramento carregadas de discursos capazes de politizar a comunidade e “reexistir aos estereótipos

elaborados pela sociedade para imprimir nesse segmento da população estigmas negativos no que tange ao racismo, às práticas sociais de injustiças e de opressões (JUSTO, 2015, p. 26).

E, à despeito de certa pedagogia, a qual, pode reafirmar “epistemologias da supremacia branca ou de enfrentamento a esta, pois é o campo que forma profissionais licenciados para a profissão docente” (ANJOS, 2019, p. 58), o estudo em tela, não faz Educação sem ativismo. Isso é coisa de branco, hétero, burguês, cis e privilegiado, nada atento às violências diversas sofridas pelos sujeitos subalternizados, por exemplo, a econômica que torna supérflua uma parcela da população, produzindo um devir-negro do mundo, no qual, a distinção entre o humano, a coisa e a mercadoria tende a se esvaziar (MBEMBE, 2019). Aqui, a postura é de enfrentamento a e de ruptura com discursos sedutores e paralisantes: conciliação de classes, sistemas de pactos, ordem e progresso, “Brasil ame-o ou deixe-o”, “Brasil acima de todos”.

Uma educação *rapoética* é antirracista, ela toma parte, faz barricada, contrária ao aprofundamento da acumulação primitiva de capital, à concentração econômica cada vez maior, à brutalização das relações sociais e o nível inédito de militarização da sociedade, ao ajuste neoliberal brutal com seus cortes de verba para a educação, reajustes constantes do preço do gás, da carne, de insumos básicos, e a ascensão à presidência de uma figura com vínculos orgânicos à ditadura-patriarcal-civil-religiosa-judaico-cristã-branco-militar. E por quê? Ora, as propostas de direita e extrema direita, “tem fundo nacionalista e racista. Não se trata de romper com a ordem neoliberal, mas sim de concentrar as perdas em determinados setores da população” (CENTELHA, 2019).

Precisamos de nós mesmos

Na música *Voz Ativa*, do álbum *Escolha o seu Caminho* (1992), o grupo Racionais MC’S denuncia o que debatemos na academia e o que ainda vivenciamos, por meio do que se convencionou denominar de modernidade/colonialidade (MBEMBE, 2019), a saber um projeto civilizatório, assentado em discursos racistas secularizados, de um lado o bárbaro, sem lei e sem alma, os povos a civilizar, portanto, primitivos e, de outro lado, “eles” e o Brasil que “eles” querem.

Esse é o Brasil que eles querem que exista
Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque
Eles te mostram um país que não existe
Esconde nossa raiz

Milhões de negros assistem
Engraçado que de nós eles precisam
Nosso dinheiro eles nunca discriminam

Nesse trecho, esse “eles” pode ser lido como o homem branco, rico, cristão e ocidental, único padrão possível para ocupar o lugar de privilégio, dentro de uma sociedade capitalista na qual, para ser considerado bom, bonito e admirável tem de responder a requisitos inalcançáveis. Fabricada por eles e para eles, contra os “outros”, sustentada por ficções e projeções, assentada em neuroses, fobias e pactos narcísicos (BENTO, 2014; KILOMBA, 2019), essa sociedade remonta a dois tipos de racismos históricos, o científico e o teológico, destrói vidas e produz uma civilização de morte que “esconde nossa raiz”.

A escrita dos Racionais se coaduna com uma epistemologia contra hegemônica porque problematiza oposições antagônicas, essencialistas e arbitrárias, das quais se deve desconfiar. Essas oposições (“eles” / “nós”) tentam naturalizar a história, seu movimento, sua irrupção, embates e disputas, produzindo subjetividades ontologizadas. É aí que reside a descolonização cuir e preta, promovida pelos Racionais, bem antes de teóricas como Judith Butler (2019) e Paul B. Preciado (2014), por meio de fina leitura, crítica e irônica do colonialismo e seus efeitos: “Engraçado que de nós eles precisam / Nosso dinheiro eles nunca discriminam”.

A ironia do rap desvela um país que não existe, coloca em pelo uma nação inventada, desnuda o “epistemicídio”, a construção de um imaginário para meninos/as negros/as, para “milhões de negros [que] assistem” às perversidades estruturais do racismo, ao reforço de modelos da branquitude, “sem o negro no destaque”. Nesse Brasil, reiteram-se e se fortalecem lugares de privilégios para o grupo hegemônico, promovendo a destruição de conhecimentos e a destruição de seres humanos: “Eles te mostram um país que não existe / Esconde nossa raiz”.

O grupo questiona a invisibilidade e a falta de representatividade de pessoas negras em locais de prestígio e destaque. Algo que bell hooks (2019) também nos ajuda a pensar, haja vista nos lembrar em seus estudos que, negros e indígenas, foram profundamente afetados por representações degradantes, imagens que prosseguem dominantes, apresentadas em filmes e na televisão, com vistas a “esconder nossa raiz” e não permitir destaque para negros. Tudo isso ao mesmo tempo em que é sobre esses grupos que impostos incidem em cascata – “nosso dinheiro eles nunca discriminam” –, sistema que onera ainda mais as/os sujeitas/os historicamente estigmatizadas/os, aprofundando desigualdades e asseverando injustiças.

Em seguida, na música, aparece a crítica aos usos que o capitalismo racista faz do seu dinheiro e consequentemente do seu trabalho, sendo esse local de exploração o único “aceitável” para ocuparem. Esse “Brasil evoluído” cantado de forma sarcástica pelos Racionais, é denunciado como moderno/colonialista/racista.

Branco em cima negro em baixo
Ainda é normal, natural
400 anos depois, 1992 tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal
Precisamos de nós mesmos essa é a questão

A compreensão dos efeitos da colonização por parte de quem compôs e canta essa canção é notável, afinal, reconhece e descreve a colonialidade presente no Brasil de 1992 e que permanece ainda hoje em 2021. Trata-se da colonialidade do poder, a qual estabelece divisões raciais na organização do trabalho e no Estado, nas relações intersubjetivas e na produção do conhecimento; favorece com que sujeitos negros não participem da produção do conhecimento (BERNARDINO-COSTA, 2016).

A letra dos Racionais ridiculariza a hierarquia, a visão opostora e a violência da desigualdade. Sabe o grupo que não vivemos em uma democracia plena, daí a adjetivar Brasil como “colonial”. Não vivemos em uma democracia baseada no poder popular, mas em uma economia de mercado, baseada na competição, na meritocracia, na acumulação e na ética do lucro via exploração da mais – valia. Logo, sabe que “Precisamos de nós mesmos” essa é a questão, o que significa organizar-se para escapar dessas construções coloniais, patriarcais, racistas, religiosas-fundamentalistas, brancas-acríticas. Trata-se de um convite para fugir da ignorância cognitiva e do rebaixamento dos discursos.

Para compreender por que essas músicas tão potentes não fazem parte da maioria dos ambientes escolares é necessário mencionar que a colonialidade do saber se materializa no silenciamento e na tentativa de hegemonização de um conhecimento colonial. Os saberes pedagógico e didático “se materializam na força impositiva do cânone moderno/colonial, manifestamente nos currículos acadêmicos e na produção científica atual” (REIS, 2020). Por outro lado, se a escuta e a leitura de mundo a partir do rap questionam a colonialidade, representando em suas letras as condições desumanizantes das relações de poder estruturadas na colonialidade (racista, misógina, patriarcal, cristã, ocidental), por que as vozes das periferias brasileiras seriam acolhidas de bom grado nas instituições de educação brasileiras? Compreender que a educação

desde o ensino básico deve estar engajada com uma agenda para o letramento de reexistência e decolonial, é perceber que a Educação tem um papel fundamental para desatar as amarras da colonialidade, assumindo compromisso com uma outra sociedade cuja escola se pretenda libertadora.

Na música *Introdução*, do álbum *Raio X do Brasil*, de 1993, o grupo se apresenta da seguinte forma:

1993, fudidamente voltando, Racionais
Usando e abusando da nossa liberdade de expressão
Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país
Você está entrando no mundo da informação
Autoconhecimento, denúncia e diversão
Esse é o raio-x do Brasil, seja bem vindo

Essa apresentação que o grupo faz de si mesmo fala muito sobre as temáticas presentes no disco, mas também permeia toda sua discografia. Trata-se da reafirmação de um autoconhecimento e de uma busca pelo empoderamento negro. Não é preciso advogar acerca da importância de se apropriar dessas canções e trazê-las para dentro da escola, salvo se queira andar de braços dados com a cultura dominante e seu cânone burguês. Na contramão, Racionais MC's, de posse de sua palavra denotam “esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações” e, deste modo, ensinam o que seja “letramento de reexistência”, a saber, “a reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa” (SOUZA, 2009, p.33).

Em *Homem na Estrada*, do álbum *Raio X do Brasil* (1993), denunciam as condições de sobrevivência de muitas pessoas nas periferias brasileiras, descrevem uma realidade dura em cada qualificativo selecionado: “mal acabado”; “sujo”; “horrível de esgoto”:

Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo
Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio
Um cheiro horrível de esgoto no quintal
Por cima ou por baixo, se chover será fatal
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas
Logo depois esqueceram, filhos da puta!

Em outro trecho, prosseguem:

Crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo
Seu café da manhã na lateral da feira
Molecada sem futuro, eu já consigo ver
Só vão na escola pra comer, apenas nada mais
Como é que vão aprender sem incentivo de alguém
Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz

Essas condições desumanizantes ainda são a realidade de muitas crianças da periferia. Crianças, gatos, cachorros disputam um café da manhã e a molecada acaba sem futuro. Daí os questionamentos seguintes: como se preocupar com a educação, quando necessidades básicas de sobrevivência não estão à disposição? Como essas crianças podem ter melhores perspectivas, vivendo em meio a tamanho abandono? E não se trata de “vitimismo” – mito criado para silenciar aquelas/es que estão prontas/os para falar –, porque quando os Racionais se pronunciam, empoderam(-se). Trata-se do momento em que o sujeito falante, fala de sua própria realidade, um ato real de descolonização e resistência política; implica em se ocupar consigo mesma/o, em vez de com a/o “outra/o” branca/o (KILOMBA, 2019. p. 227). Daí o letramento de reexistência, momento em que se passa de silenciado à produtor de conhecimento, daquele representado àquele capaz de tornar-se “eu” e, portanto representar-se, problematizando a sociedade e os saberes construídos para justificar hierarquias entre os sujeitos.

Em *Racistas Otários* do disco *Holocausto Urbano* (1990), o grupo faz a seguinte crítica:

O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem, mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem
Mas não são iguais

O grupo não ignora que “a raça é o mais eficaz instrumento de dominação, que associado à exploração, serve como o classificador universal no atual padrão mundial de poder capitalista” (QUIJANO, 2005, p.138). Sabem que sociólogos – e não apenas esses acadêmicos – supostamente

“imparciais”, lhes prestam um desserviço, que o problema do negro não é apenas financeiro, mas remonta ao racismo estrutural. Logo, questionam certos discursos brancos, raciocêntricos, que buscam por meio de um recorte social (financeiro), ignorar um fator de opressão histórico e atual, o qual está diretamente conectado à exploração capitalista e colonialista, ou seja, sabem os Racionais que antes de mais nada, há uma estrutura racista, que demanda um “rotineiro holocausto urbano” e encarceramento em massa para seus irmãos negros.

Considerações Finais: Molecada “com” futuro

A/O rapper, ao tomar a palavra, rasura o estabelecido pela colonialidade, subverte a ordem dominante e questiona a posição binária – supostamente estática – de centro e periferia, nós e eles, negro e branco; contesta a homogeneização dos saberes e suas procedências, utilizando-se de narrativas musicais assentadas em práticas vivenciadas no cotidiano social e cultural da comunidade. Trata-se, portanto, de uma poética da resistência, de um letramento para a reexistência, cujos textos não são necessariamente escolares, mas agenciam uma intenção política nas comunidades historicamente estigmatizadas e também no fazer escolar, por meio de letras fortes e narrativas sobre a realidade de quem se apropriou de riquezas e busca ainda hoje subalternizá-los e manter privilégios.

As práticas de reexistência, fundadas em uma visão sócio-histórica, apontam para uma reinvenção dos modos de ser e estar no mundo por meio da linguagem, evidenciando como dentro do movimento rap, essas/es ativistas lidam com suas demandas, rasurando discursos brancocentrados e raciocêntricos, reinventando novos lugares de fala, questionando interpretações de mundo e enunciando sobre si mesmas/os.

A discografia do grupo de rap Racionais MC’S é uma importante fonte pedagógica, que pensada na perspectiva dos Letramentos de Reexistência, contribui para um ensino *rapoético*, a saber, uma educação dialógica, dialética, comprometida com as relações raciais, territoriais e periféricas como um todo. Suas muitas narrativas cantam sobre a perseguição do Estado contra o povo negro e pobre do Brasil, mas de forma que fica perceptível o processo de resistência negra travado nos movimentos sociais do Brasil e a necessidade de organização social para lutar contra o

racismo institucional e estrutural. Fugir desses letramentos de reexistência é prestar serviço à colonialidade.

Em outros termos, por meio desse trabalho buscamos evidenciar contribuições do movimento rap que constrói um espaço de educação decolonial e libertadora, dialética e dialógica, e que já a algumas décadas nos permite esperar, em uma perspectiva freiriana. O legado do rap está disponível não só na obra do grupo em questão. Existem no Brasil e também fora dele diversas personalidades e grupos que tem muito a contribuir com rasuras à Educação, possibilitando reflexões críticas sobre temáticas que devem se tornar frequentes no ambiente escolar, caso estejamos interessados em uma educação mais generosa com a diferença e na contramão da manutenção de injustiças.

Também não se pode ignorar a força do rap, o qual se expandiu para todo o Brasil. Partindo de São Paulo na década de 1980, o movimento alcança hoje um público extenso e plural. Há no país, pessoas rimando em todos os sotaques e línguas. Para além do alcance, as temáticas também se multiplicam e foram amadurecidas. Ocorrem dentro do rap, debates diversos, com trabalhos contra a xenofobia, acerca das questões de gênero e sexualidades dissidentes. Muitas rappers usam esse lugar de enunciação para denunciar a misoginia, o machismo; há rappers LGBTQI+ que tratam de suas vivências, fazem denúncias; rappers indígenas compõe e cantam em suas línguas originárias e também instrumentalizam o português para ampliar seu alcance e denunciar as mazelas desses povos no Brasil, apresentam outras perceptivas culturais enunciadas através de si mesmos, falando sobre diversas temáticas, como ecologia, território, ancestralidade, letrando sua comunidade, reexistindo, lutando por si e por uma molecada que possa ter outro futuro.

Referências

ANJOS, S. G. **Hip hop e as práticas educativas:** um estudo a partir das experiências do coletivo Família Hip Hop, Santa Maria-DF. 2019 136f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BARTHES, R. **O prazer do texto.** 6. ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes.** Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BENTO, M. A. S. Branquitude: O Lado Oculto do Discurso Sobre o Negro. In: Carone, I. & Bento, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil**. 6a ed, Petrópolis, Vozes, 2014.

BERNARDINO-COSTA, J. A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!. **Civitas** - Revista De Ciências Sociais, 16(3), 2016.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CENTELHA, Coletivo. **Ruptura**. 1º ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

hooks, bell. “Renegados” revolucionários: americanos nativos, afro-americanos e indígenas negros. In: **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

JUSTO, F. C. **Letramentos em espaços não escolares: o movimento hip-hop em Ouro Preto**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução - Jess Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, A. **Poder brutal, resistência visceral**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1, 2014.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, p. 117-142, 2005.

REIS, D. S. Saberes encruzilhados: (de)colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. UFMG: **Educ. rev.** 36, 2020.

SOUZA, A. L. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop**. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

Discografia

RACIONAIS MC's. **Homem na estrada**. São Paulo: Selo Zimbabwe Records, 1993b.

RACIONAIS MC's. **Introdução**. São Paulo: Selo Zimbabwe Records, 1993a.

RACIONAIS MC's. **Racistas Otários**. São Paulo: Selo Zimbabwe Records, 1990.

RACIONAIS MC's. **Voz Ativa**. São Paulo: Selo Zimbabwe Records, 1992.

